

Turismo em Roraima: meio ambiente e cultura indígena.

Paulo Rogério de Freitas Silva *

Antônio Tolrino de Resende Veras *

Roberta Moreno Benedetti Matos **

No fim do século XX - tempo cronológico - e diante das modificações impostas pelo processo de globalização - fato histórico -, a humanidade cria novas formas de sobrevivência. Vivemos um momento em que o cérebro humano ainda cria e comanda robôs, no entanto, o futuro nos prepara para uma transição onde robôs serão construídos por robôs, e novas formas de sobrevivência surgirão, assim como acontece hoje com o desenvolvimento de novos setores da economia, a exemplo do setor terciário. Este setor, terciário ou dos serviços, engloba finanças, comércio, educação, produção cultural, entretenimentos-turismo-lazer, etc., e surge como nova força de produção. Segundo Barros, (1998:92) “... *amplo e universal é o processo de expansão dos serviços nas sociedades contemporâneas maduras. As paisagens industriais foram se tornando mais e mais restritas ou em muitos casos foram removidas como entulho herdado da modernidade eletro-mecânica.*”

Referente ao setor de serviços, no Brasil a atividade turística ainda é pouco difundida, se comparado com outras regiões do mundo em termos de números de visitantes. Em 1998 o Brasil que ocupava até 1997 a 39ª posição no *ranking* dos quarenta principais destinos turísticos do mundo, subiu para a 29ª posição (Diário de Pernambuco, Recife, 19/05/199). Segundo pesquisas, o turismo internacional em lugares como o Caribe, se tornou a principal atividade da região. Aqui a atividade começa a se tornar importante em áreas específicas, como na região Nordeste e na Amazônia, como uma forma de melhor aproveitamento do espaço para outros fins, até então destinados à prática de atividades ligadas ao setor primário.

Nessas áreas, onde há uma ação ordenada dos setores públicos e privados, a atividade tem trazido resultados significativos, através das condições que o Estado oferece para a viabilização de investimentos no setor. Desse modo, promovem, constantemente, entre outras medidas, melhorias na infra-estrutura e nos serviços necessários ao bom andamento da atividade, além de realizarem grande trabalho promocional que tem se refletido na elevação de seus níveis de renda e emprego.

A Amazônia brasileira, por exemplo, possui condições de desenvolver um turismo ecológico-natural, baseado na prática de aventuras em seus rios e florestas. Segundo a Embratur, de acordo, com o número de estrangeiros que desembarcam em Manaus, a atividade na região parece estar se consolidando.

* Professores do Departamento de Geociências da UFRR.

** Graduada em geografia pela UFRR.

Inserido nesse espaço, o estado de Roraima procura desenvolver essa atividade, como uma saída para o seu desenvolvimento. Para Barros, (1998:17), “*No Estado de Roraima, por exemplo, os lendários e esquecidos campos do rio Branco (vegetação savanóide) que tiveram desde o século 19 e continuam tendo uma utilização pecuária, contendo também várias reservas indígenas (Barros, 1995), passaram a despertar vivo interesse nos setores públicos e privados (agência de turismo, grupos indígenas, cursos profissionais de turismo, etc.) para fins de utilização turística.*”

Mesmo com essa política o turismo é uma atividade de crescimento modesto, com fraca participação na formação da renda local. Existe deficiência em infra-estrutura básica adequada ao desenvolvimento do setor. Há carência de mão-de-obra especializada e de serviços de melhor qualidade, etc. Provavelmente, por falta de investimentos, não há uma política mais agressiva de divulgação do turismo local, quer por parte do poder público quer por parte dos empresários do setor privado. O que tem ocorrido, na maioria das vezes, são linhas de ações isoladas que, nem sempre, apresentam resultados satisfatórios.

Os novos tempos demandam que a ação governamental e empresarial se fundamentem no princípio da pesquisa e do planejamento. Com isso, imprime-se maior racionalidade ao processo decisório e condiciona-se a expansão do turismo ao equilíbrio ambiental e à preservação das manifestações culturais ampliando as possibilidades de compatibilizar o crescimento econômico – proporcionado pelo ingresso de divisas – com a conservação dos ecossistemas e do patrimônio cultural, matérias-primas do produto turístico.

O setor do turismo do estado de Roraima apresenta elevada capacidade receptiva, através da exploração dos atrativos naturais, que permitem ao visitante vivenciar experiências culturais da colonização pré-colombiana na Pedra Pintada, aventurar-se na prática de alpinismo e excursionismo no Monte Roraima, realizar atividades de lazer no rio Branco, cachoeira do Bem-Querer e lago Caracaranã.

Os agentes públicos e privados, responsáveis pela dinamização do setor no estado, devem procurar através de um esforço conjunto, lutar para dar ao turismo de Roraima, um lugar de maior destaque, pois seu imenso e diversificado potencial de recursos naturais credencia a região a se tornar um pólo de atração turística de maior relevância nos cenários nacional e internacional.

Destacando-se como um dos grandes potenciais para o desenvolvimento da prática do turismo em Roraima, o lago Caracaranã a partir da década de 70, transformou-se em alternativa econômica para os seus proprietários, já que se encontra dentro de uma área particular. O lago hoje possui um calendário de opções para todo o ano.

Mais recentemente, a cachoeira do Macaco, ao longo da BR-174 - Norte, surgia como uma nova alternativa de lazer, para a população. Com a demarcação contínua da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, esse atrativo e outros que se localizam no município de Uiramutã e Normandia, especificamente, precisam ser catalogados e

colocados como possíveis de serem explorados mesmo inseridos em áreas de proteção indígena. No entanto surge a necessidade de uma política entre os setores envolvidos a fim de chegarem a um consenso de que as áreas são indígenas, mas que podem ser exploradas racionalmente para uma atividade que possa contribuir para o desenvolvimento do estado. Não se admite que áreas sejam isoladas e cercadas sem objetivo nenhum. Na Venezuela áreas indígenas foram transformadas em parques para a prática do turismo internacional.

Conforme Rodrigues, (1998:244, 245) *“Há menos de duas décadas, com a transformação das terras tradicionalmente ocupadas pelos Pemón em Parque Nacional, os indígenas, que até então viviam da agricultura, caça e pesca, mantendo praticamente original seu modo de vida tribal, deram início, a outra atividade para garantir sua sobrevivência no novo esquema que fôra imposto em seu território.*

“Foi a privilegiada geografia da região repleto de fantásticos atrativos, que levou algumas empresas a investirem no ramo, que hoje é sem dúvida uma das principais atividades econômicas rentáveis do Estado Bolívar, dentro do qual está o Parque Nacional Canaima.

Trabalhando principalmente como empregados e observando a ação dos agentes turísticos os Pemón venezuelanos constataram que poderiam adaptar-se facilmente àquelas tarefas que já desenvolviam cotidianamente, tais como: excursões pela savana, exploração de montanhas e rios, na produção e venda de artesanatos e comida típicas. E foi assim que a Nação Pémon enveredou pelo caminho do turismo.

Dessa forma, observa-se que, mesmo com a demarcação de áreas indígenas contínuas, explorar o espaço de forma organizada pode transformar-se em modo de sobrevivência para os grupos que ocupam a área. Os grupos indígenas principais que ocupam a região da Raposa - Serra do Sol: Macuxis, Taurepang,, Ingarikó e Wapixana, exploram o espaço apenas no aspecto agrícola, de forma bastante rudimentar, cultivando apenas para a sua sobrevivência. Existem políticas por parte de alguns grupos, como as ONGS nacionais e internacionais, a Diocese e conselhos ou organizações indígenas e etc., que projetam melhores condições de vida para esses grupos, através de incentivos para desenvolver pecuária, agricultura, educação, saúde, etc.

Observa-se que esses grupos vivem na atual época com resquícios de uma cultura anterior, residindo em casas simples em condições bastante rudimentares. Alguns hábitos alimentares são mantidos, mas a influência do homem branco já é presente. Ainda se mantém a tradição de se ingerir *caxiri* – bebida comum entre os indígenas.

Deve-se considerar que é preciso formar uma infra-estrutura que complemente o ambiente onde se deseja desenvolver a prática do turismo. Também, verifica-se que a atividade proporciona a oportunidade de empregos para um considerável número de mão-de-obra semi-especializada.

Não se pode esquecer que ao mesmo tempo que a atividade turística proporciona aspectos positivos, no que se refere à incrementação da economia do estado, ela também

poderá causar aspectos negativos, se não for planejada de forma clara, precisa e organizada.

Segundo Santos, (1998:242) *“Na maioria das vezes as atividades turísticas impõem certos custos sociais e ambientais às regiões turísticas e a sua população. É comum verificar nestas regiões a destruição dos recursos naturais e culturais da região, bem como uma queda na qualidade de vida de seus habitantes, tendo em vista o aumento dos preços de bens e serviços de primeira necessidade.”*

O turismo e seus investimentos trazem prejuízos irreparáveis quando não planejado. Tratando-se de uma área indígena com um potencial turístico viável, os setores envolvidos devem preservar os costumes da região a ser explorada, pois as relações nessas áreas devem ser harmônica, principalmente tratando-se de hábitos diários e costumes gerais. Koch-grünberg, (1979, vol. 1:46), relata um episódio, do ano de 1911, que alerta para a necessidade de respeito entre os grupos interligados. Um Tuxaua, conhecido por Ildefonso, *“...pelo seu contínuo trato com os brancos...” desmoralizou-se” completamente, como muitos de sua raça e, seduzido pelos brancos, comete toda classe de infâmias.” ...*

Falando especificamente dos espaços ocupados pelos Macuxis e Wapixanas, pode-se realizar um estudo sobre o potencial turístico da área, como também sobre os possíveis problemas que possam surgir com o aproveitamento turístico da área em foco. Baseado em dados bibliográficos, a seguir, o leitor poderá, ter um perfil da forma de organização social, cultural e econômica destes dois importantes grupos indígenas, que ocupam espaços do estado de Roraima.

O povo Macuxi vive atualmente nas áreas de lavrados e serras do Nordeste do estado de Roraima e na região noroeste da Guiana (ex-inglesa) que faz fronteira com o Brasil

Os Macuxis vivem em aldeias formadas de casas unifamiliares, localizadas geralmente perto de rios e igarapés. Não existem, pelo menos no Brasil, malocas desse povo no meio da mata. O antigo costume de viver em uma única maloca plurifamiliar está, hoje, completamente perdida e o termo “maloca” é usado para identificar a aldeia. A esse tipo de vivência em grupo precisa-se acrescentar, também, a presença, na área Macuxi, de famílias isoladas, que constituem unidades sociais quase auto-suficientes. (Índios de Roraima – Coleção Histórica Antropológica nº 1, p. 47 e 48).

Historicamente, as terras ocupadas pelos Macuxis foram invadidas mais tarde do que as dos Wapixanas do médio Rio Branco. É a partir dos anos cinquenta que acontece a invasão geral dessas terras – fazendeiros e garimpeiros – hoje demarcadas.

O povo Wapixana ocupa, atualmente, três áreas geográficas diferentes: Área Surumu – Cotingo, área Taiano – Amarajá e área Serra da Lua – Rupununi. A maioria dos Wapixanas vive, atualmente, em aldeias formadas por casas unifamiliares, espalhadas em um raio de três ou quatro quilômetros do núcleo central, geralmente seguindo o curso dos rios e Igarapés.

Toda área brasileira dos Wapixanas está invadida por fazendeiros e colonos. Nesses últimos anos, com a chegada de grandes capitais do Sul do Brasil, novos projetos são desenvolvidos e um novo tipo de invasão acrescentou-se às antigas. Hoje essas áreas fazem parte da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol. (Índios de Roraima – Coleção histórica Antropológica nº 1, p. 71, 72 e78).

Com o capital natural existente nessas áreas indígenas e os interesses de diferentes setores surge a preocupação em criar meios reais para superar uma possível alteração advinda do gerenciamento turístico nessa área onde as comunidades indígenas seriam um referencial próprio do espaço a ser explorado.

A idéia é a de que um projeto, antes de seguir seu curso de implantação, deve ser avaliado quanto aos danos que ele causará ao meio ambiente, devendo o custo desse dano recair sobre a empresa e sobre o indivíduo que deseja modificar o ambiente natural através desse projeto. Procura-se também determinar se o dano ambiental a ser provocado seria compensado ou superado pelos benefícios sociais decorrentes da mesma ação. (Pearce, 1991^a: 71, 72 in Barros, 1998).

Conforme Barros, (1998:53), *“Todas essas questões e exigências precipitam um complexo processo de gestão e planejamento, negociações e flexibilizações.”*

Dessa forma, explorar áreas para o turismo requer um planejamento, para que delas se possa retirar um aproveitamento e que nelas se mantenha a forma original antes existente, seja natural ou cultural, desafio principal para desenvolver a atividade não só nessas áreas indígenas, como também nos mais variados espaços existentes. Embora o aspecto cultural exige discussão muito mais delicada.

Referências Bibliográficas.

ALVES, Claudia Lima Esteves. **Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças.** Boa Vista, 1998.

BARROS, Nilson Cortez Crócia de. **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens .** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

BARROS, Nilson Cortez Crócia de. **Geografia do Turismo: contexto, conceito e práticas.** In ALVES, Cláudia Lima Esteves. (org) **Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças.** Boa Vista, 1998.

CIDR – Centro de Informação- Diocese de Roraima. **Índios de Roraima.** Coleção histórico-antropológica nº 1. Boa Vista – RR, 1989.

CIDR – Centro de Informação - Diocese de Roraima. **Índios e Brancos em Roraima.** Coleção histórico-antropológica nº 2. Boa Vista – RR, 1990.

MATOS, Roberta Moreno Benedetti. **O Turismo em Roraima.** Trabalho desenvolvido na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia, sob a orientação do Prof. Antônio Tolrino de Rezende Veras. Boa Vista, 1997.

RODRIGUES, Shirlayne de Fátima. **A viabilidade da atividade turística explorada pelos indígenas de Roraima.** In ALVES, Cláudia Lima Esteves. (org) Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças. Boa Vista, 1998.

SANTOS, Edlamar Oliveira dos. **Exploração do Turismo em Roraima.** In ALVES, Cláudia Lima Esteves. (org) Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças. Boa Vista, 1998.